

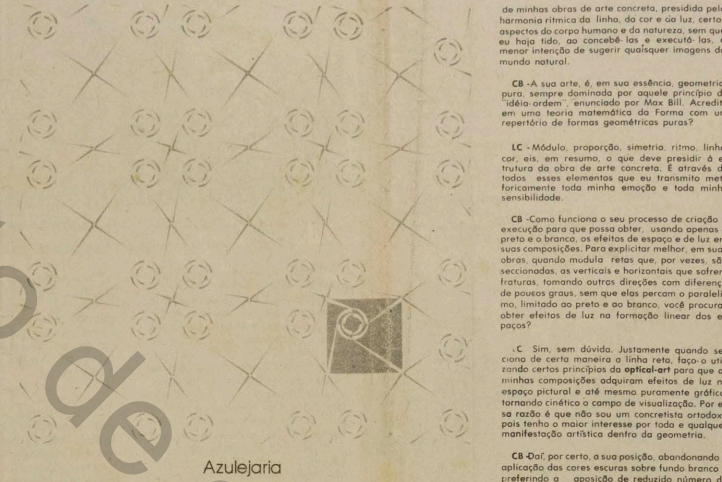
Uma linha branca sobre fundo preto: RADE ATE?

No panorama atual da arte brasileira contemporânea, Lothar Charoux é um dos raros artistas que se conservam fiéis à corrente estética do concretismo, e, portanto, dentro do mais rigoroso abstracionismo geométrico.

Lothar Charoux, nascido no ano de 1912, em Viena na Áustria, está radicado há quase cinco décadas nos círculos artísticos de São Paulo, onde estudou no Liceu de Artes e Ofícios. Mas, ao sagrar-se ao desenho e à pintura, posto a fazer no área da figuração? Não se creva os cânones acadêmicos impostos pelo currículo escolar, tendo adotado o diferente estético do expressionismo. Sob esse registro, foi atingindo o estágio de despojamento, de simplificação formal até encontrar-se no abstracionismo geométrico e, finalmente, no arte concreto, cuja fase se modificou depois de longas e intermináveis prospeções, criando um concretismo heterodoxo a partir do momento em que introduziu princípios do apertamento, quando, então, os efeitos cinéticos da visualização passaram a dar maior força de expressão a todos as suas composições.

Atualmente, dominado pela técnica da simplificação formal, que já se impusera no sua fase de figuração, Lothar Charoux já chegou a conceber e executar um quadro formado unicamente por uma linha branca lançada verticalmente em um fundo preto, propondo-o como obra de arte sob o fundamento de que na vibração da rede verticalitaria a idéia, ou seja, a metáfora signográfica deslinhada a simbolizar concretamente a intenção plástica do artista criador.

Sem sabermos, que antes da 1 Guerra Mundial, Kazimir Malevitch notabilizou-se ao expor em Moscou o seu célebre quadro "Quadrado negro sobre fundo branco", passando desde então a fazer variações do círculo, do triângulo e da cruz, formulando a teoria da arte abstrata, por ele denominada "suprematismo", manifestando redigido por Malevich, e mais tarde, dominado pela ansia de despojamento da forma e da cor, o pintor russo executou a obra "Quadrado branco sobre fundo branco", atualmente no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Posteriormente, Josef Albers criou os quadros superpostos, estruturas formadas por uma série de elementos iguais que se repetem com redução da dimensão e modificações da cor, em síntese, uma multiplicação do quadrado resultante da disposição de elementos idênticos em séries verticais e horizontais que desenvolvem o ritmo das composições.



Azulejaria

LC - "No tempo em que estudava com Waldemar do Costa, comecei a abstratizar e a defender os modelos, e daí a atitude por mim tomada em defesa do abstracionismo. Aliás, o minha tendência foi sempre no sentido do despojamento, ou seja, da simplificação formal, o que facilitou minha passagem para a arte abstrata. E como sempre tive no mais alta conta o desenho geométrico, fui caminhando, através de pesquisas, para o abstracionismo geométrico até atingir o concretismo.

No arte concreto, essa simplificação conduziu-me a conceber e executar um quadro, que, por estar a sua estrutura limitada a uma linha branca sobre fundo negro, não deixou de ser uma obra de arte.

CB - Foi Theo van Doesburg quem usou o termo arte concreta para distingui-la especificamente na generalidade da arte abstrata, quando afirmou a necessidade de criar formas universais, libertas da interferência de quaisquer realidades contingentes e ocasionais, afirmando que um quadro deveria ser alguma coisa para que se pudesse ver e não ler. Em consequência, no concretismo, a idéia é a própria forma que se movimenta ao passo que na figuração e, por vezes, na abstração, é a idéia que se movimenta fora da arte. Serê, que, nessas condições, no concretismo está apenas na criação harmoniosa de formas geométricas, portanto, afastada de qualquer realidade do mundo exterior?

LC - Eu responderia dizendo simplesmente que uma rede, um círculo, uma esfera, um quadrado, um triângulo são realidades completas. Para mim, um só linha, seja vertical, seja horizontal, é suficiente para representar uma idéia. E dou um exemplo. Depois de muitos anos de pesquisas no concretismo, cheguei à conclusão de que, deslocar um quadro 45 graus, estabelece-se o seu desequilíbrio, mas eu passo desde logo restabelecer o equilíbrio dessa mesma composição com uma vertical ou uma horizontal.

CB - Está, portanto, de acordo com a tese sustentada por Albrecht Dürer, segundo o qual a obra de arte abstrata não pode conter qualquer sugestão de imagem da realidade sensível, devendo ser julgada por seus valores estéticos, e ficar afastada de qualquer idéia de representação do mundo exterior?

LC - A forma, seja ela qual for, mesmo puramente geométrica, é uma imagem, não podendo, entretanto, ser a representação da figura humana e da paisagem ou de qualquer outro motivo existente no mundo natural. Trata-se de um outro tipo de figuração. Todavia, há quem descubra em alguns



Lothar Charoux

de minhas obras de arte concreta, presidida pela harmonia rítmica da linha, da cor e da luz, certos aspectos do corpo humano da natureza, sem que eu haja, lá, concebê-las, e executá-las, a menor intenção de sugerir quaisquer imagens do mundo natural.

CB - A sua arte, é em sua essência, geométrica pura, sempre dominada por aquele princípio de "idéia-ordem", enunciado por Max Bill. Acredita em uma teoria matemática da forma com um repertório de formas geométricas puras?

LC - Módulo, proporção, simetria, ritmo, linha, cor, etc., em resumo, o que deve presidir à estrutura da obra de arte concreta. E através de todos esses elementos que eu transmito metaforicamente toda minha emoção e toda minha sensibilidade.

CB - Como funciona o seu processo de criação e execução para que possa obter, usando apenas o preto e o branco, efeitos de espaço e de luz em suas composições? Para explicar melhor, em suas obras, quando modula retas que, por vezes, são seccionadas as verticais e horizontais que sofrem fraturas, tomando outras direções com diferenças de poucos graus, sem que elas percam o paralelismo, limitado ao preto e ao branco, você procura obter efeitos de luz na formação linear dos espaços?

LC - Sim, sem dúvida. Justamente quando secciona de certa maneira a linha reta, faço-o utilizando certos princípios do optical-art para que as minhas composições adquiram efeitos de luz no espaço pictorial e até mesmo puramente gráfico, tornando cinético o campo de visualização. Por esse razão é que não sou um concretista ortodoxo pois tenho o maior interesse por toda e qualquer manifestação artística dentro da geometria.

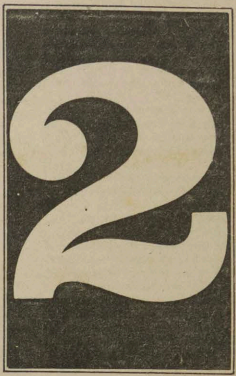
CB - Daí, por certo, a sua posição, abandonando a aplicação das cores escuras sobre fundo branco e preferindo a disposição de reduzido número de cores claras sobre fundo preto?

LC - Uma linha, um círculo, um quadrado, um triângulo lançados em branco sobre fundo preto, emprestam à composição maior sensação de espaço e de luz. Confesso minha preferência pelo preto e branco. Na presente exposição, muito embora não haja ocorrido por mera coincidência, há predominância de quadros formados por módulos de linhas brancas sobre a superfície preta, cor que posto a ser predominantemente em sua larga extensão. E prefiro esse módulo pictorial porque a superposição de tonalidades claras sobre fundo preto dá às obras maior ritmo e maior vibração.

CB - Em sua obra sob registro da corrente estética do concretismo, você sempre demonstrou uma grande preocupação em fazer com que o público participasse ativamente de suas criações, haja vista a introdução de elementos do optical-art, que, de certo modo, se destinavam a obter uma participação dinamicamente visual. Agora, com seus painéis formados por grandes módulos destacados do conjunto, pretende que esse participação seja física e não apenas retórica, seja criativa além de contemplativa, desde o momento em que o possuidor poderá deslocar esses componentes e por via de consequência, modificar como sem entender a estrutura original desses blocos, arguimentos?

LC - Realmente, sem fugir ao meu concretismo, que você já teve oportunidade de chamar de heterodoxo porque nele insino elementos opt-art, executando grandes painéis formados por módulos que poderão, ser deslocados. Esse deslocamento mesmo que seja total, irá permitir infinitas variações, formas sem prejuízo da equilíbrio da estrutura global. Na exposição que estou realizando em Brasília, apresentei esses painéis que somente poderão figurar em Universidades, órgãos da pública administração, bancos e grandes estabelecimentos comerciais e industriais. Parto de um tema que vai criar uma estrutura com possibilidades de harmônicas variações, distribuídas em módulos, com que se constrói o "painel combinado", segundo a minha denominação. A deslocação de qualquer um dos módulos permite, então, o movimentação da estrutura que é a própria idéia em movimento.

CB - Quer dizer, então, que essa mesma estrutura é em qualquer situação, polissêmica e equivalente em sua unidade, tornando-se dinâmica no instante em que se movimenta por efeito de deslocação de um ou mais módulos para dar origem a novas variações, ficando sempre requardadas a idéia, a harmonia e o ritmo da composição.



LC - Exatamente. Essa deslocação feita por quem possui o painel, assumindo a posição de criador, possibilita mais de cem variações sem nenhum prejuízo para a estrutura. Agora, estou pretendendo fazer uma exposição de um quadro só. Ele irá ter 33cm x 99cm de dimensão. O seu possuidor terá centenas de pequenas variações, com as quais poderá fazer as suas composições em miniatura. Talvez seja um pouco lúdico essa invenção, mas é ingênuo a sua contribuição para o desenvolvimento do poder de criação imanenente em cada um de nós. Aliás, muito embora se revista no caso de inalterabilidade, essa experiência já obteve excelentes resultados em azulejaria. Na última exposição de arte aplicada, promovida pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, comparei com azulejos. Em cada uma dessas unidades há fragmentos de um tema, de uma estrutura que não perderá sua forma composicional qualquer que seja o modo pelo qual é feita a respectiva composição. Ao seu proprietário caberá determinar a maneira pela qual deverão ser aplicados, justamente em face da infinidade de possíveis variações. Em consequência, a aquisição

Pintura

Como negar, pois, a categoria de obra de arte ao quadro de Lothar Charoux, estruturado apenas com uma linha branca na vertical, sobre um fundo negro, tanto mais quanto há uma rítmica vibração de luz em sua visualização?

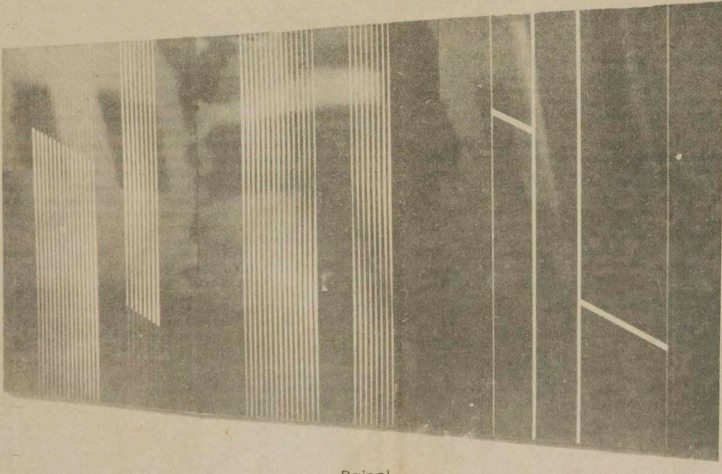
Todavia, ultimamente, Lothar Charoux partiu para uma arte concreta monumental com a criação e a elaboração de painéis formados por módulos que podem ser deslocados, permitindo um infinito número de variações sem que essa participação de seu possuidor importe na fratura do equilíbrio, do ritmo e da harmonia da composição mural.

Alguns desses obras acabaram de ser apresentadas na Galeria de Arte da Fundação Cultural do Distrito Federal, onde Lothar Charoux, que é detentor de altas premiações, inclusive do Prêmio Museu de Arte Moderna de São Paulo, a figura principal desse mais importante exposição crítica nacional, falou de sua arte através deste diálogo informal.

CB - Há cinco décadas aproximadamente você está consagrado às artes visuais, sendo que inicialmente, tanto no desenho como na pintura, a sua obra esteve compreendida na figuração sob o registro do expressionismo. O que o levou então em vista sua formação acadêmica, a eleger essa corrente estética para as suas formas de expressão?

LC - Realmente, eu fiz um curso praticamente acadêmico no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, que era, naquela época, equiparado à Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Em consequência, esse curso somente teve o mérito de ensinar-me os métodos de todos os materiais, pois, executando Waldemar do Costa, todos os mestres eram compreendidos com o velho academicismo. E nessa altura, devo confessar não ignorar que o função das escolas não é a de fazer artistas mas de ensinar técnicas. O mais das escolas, hoje bastante mitigado, é o de impor uma técnica acadêmica, obrigando os alunos a copiar David, Delacroix e Ingres e não admitindo a liberdade de manifestação do poder de criação sem obediência a cânones e fórmulas tradicionais. Mas Waldemar do Costa era uma exceção. É por que estivesse obrigado a respeitar o programa rígido imposto pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e necessitasse, adquirir melhor, então, ele passou a dar aulas particulares aos domingos, os quais foram ministradas a mim, Maria Leontina, Hermelinda Faminiani, Clóvis Graciano, Arágnola Ionelli e outros artistas que mais tarde se impuseram no panorama da pintura brasileira de nossos dias. Esse foi o caminho que me levou ao expressionismo.

CB - E como ocorreu sua passagem do expressionismo para o abstracionismo?



Painel

de uma coleção não implicará na repetição da unidade formal da azulejaria aplicada, visto como cada pessoa usar, formas distintas de coloração dos azulejos, mesmo que se trate de ambientes iguais. O desenho de cada um daqueles elementos formará diferentes estruturas em sua aplicação, visto como há a possibilidade das mais imprevistas modulações.

CB - Atualmente, nos Estados Unidos da América do Norte, os artistas, certamente influenciados por todas as novas técnicas de expressão, os mais inventivos e sofisticados, estão voltando à pureza do desenho a lápis sobre o folha branca de papel. Nesse tomada de posição, poder-se-á ver, no atual gíria, recuperação de tempos perdidos, ansia de pureza na elaboração da obra de arte, o princípio de que ela, posta para modificar, prolonga a sua tradição?

LC - Um caso semelhante está ocorrendo no Brasil com o retorno à figuração. Mas isto é lógico porque a criação artística sofre flutuações que, por vezes, a afastam, outras vezes, a aproximam do passado. É um fenômeno histórico que não poderá ser negado. Sempre que há uma demora nos interesses artísticos impostos pelos movimentos de vanguarda, há uma reação natural e um retorno a formas de formas universais. É uma reação pública está mais voltada para os figurativos do que para os abstracionistas, particularmente os geométricos e os concretistas. Aliás, atualmente, muitos críticos são do opinião de que a geometria é fria, o passo que eu sempre a considero quente e imprescindível à elaboração de qualquer obra de arte, principalmente no concretismo e no concretismo que jogam com a riqueza das leis de formas universais. É uma questão de ordem pessoal. Para mim, uma linha é tão emocional que ela me comove e me põe fora de mim, mesmo razão porque me surpreendo quando alguém não participa dessa emoção, desse estado de alma, no qual a arte vai encontrar a mais alta espiritualização.

Hugo Auler